

L                    U                    Z  
a    m    e    m    ó    r    i    a    d    e  
**antónio    carlos    manso    pinheiro**  
emanuel        dimas        de        melo        pimenta  
2                    0                    0                    7

**título: LUZ - A Memória de António Carlos Manso Pinheiro**

**autor: Emanuel Dimas de Melo Pimenta**

**ano: 2007**

**António Carlos Manso Pinheiro**

**editor: ASA Art and Technology UK Limited**

**© Emanuel Dimas de Melo Pimenta**

**© ASA Art and Technology**

**[www.asa-art.com](http://www.asa-art.com)**

**[www.emanuelpimenta.net](http://www.emanuelpimenta.net)**

*Todos os direitos reservados. Nenhum texto, fragmento de texto, imagem ou parte desta publicação poderá ser utilizado com objectivos comerciais ou em relação a qualquer uso comercial, mesmo indirectamente, por qualquer meios, electrónicos ou mecânicos, incluindo fotocópia, qualquer tipo de impressão, gravação ou outra forma de armazenamento de informação, sem autorização prévia por escrito do editor. No caso do uso ser permitido, o nome do autor deverá ser sempre incluído.*

Montaigne dizia que as pessoas geralmente trabalham apenas para acumular memória, deixando o entendimento e a consciência vazios. Montaigne questionava onde começaria a alma, onde a informação se tornaria, finalmente, iluminação. Aquele antigo pensador Francês era uma referência primeira para António Carlos Manso Pinheiro, mais que isso, ambas as existências, pelas tortuosas vias do espaço tempo, cruzavam-se naquele ponto indicado por Montaigne: a alma, a iluminação. É isso que, tanto para um como para o outro, eram os livros. Espécie de emergências da grande *Tempestade* de Shakespeare, pontos de conhecimento e de consciência, pontos de luz. Esse era o António Carlos que eu conheci. Nunca houve diferença de idade entre nós. Sempre fomos irmãos, mesmo antes de nos termos conhecido lá pelos primeiros anos da última década do século XX. Olha-se assim o tempo, porque a nossa geografia se estendia para além dos mais longínquos domínios, de Plutarco a Paul Elouard, de Imhotep a Edgar Allan Poe e muito, a Borges, ao grande Jorge Luís Borges. Assim, do princípio até ao fim desta existência, António Carlos era um menino – rapaz sonhador, olhos rápidos e brilhantes, sempre sorrindo, de abraço profundo e generoso. Pelos nossos sonhos sempre vaguearam Pessoa, Flaubert,

Schubert e Cage. Os seus certeiros e sagazes olhos, como os de uma águia, ultrapassavam em muito os pequenos julgamentos de valor com os quais tantas e injustas vezes se distinguem épocas e culturas. A atracção estava num certo distanciamento, no afastamento da arrogância. A arrogância era, para ele, algo que servia somente para disfarçar uma situação da mais absoluta nulidade. Apenas os nulos são arrogantes – pois arrogam para si aquilo que não são. E onde há falsidade não há amor. Onde não há amor, não pode haver iluminação. Apenas o amor providencia a consciência. Platão já o dizia em *Teageteto*. Não importa se o amor está evidente ou permanece timidamente escondido nas sombras. O que o António Carlos procurava era a luz. E ela estava sempre ali, nos versos de Aragon, na escrita solitária de Aquilino Ribeiro, na música de Debussy, no teatro de Samuel Becket. Foi a busca dessa luz, ainda nos antigos tempos, que o conduziu aos sonhos de um comunismo feito de honestidade, de amor e paz. E foi essa mesma busca que estremeceu a sua carne quando pisou as masmorras a céu aberto na Roménia, ladeado pela rasteira e arrogante burocracia de um podre poder disfarçado de gente simples. Assim, para ele, todos deveriam ser invisíveis. Apenas no espaço da simplicidade, da ligação quieta e directa com a alma, é que pode existir o que é autêntico, o que é mais próximo de Deus. E Deus sendo tudo, como ensinava Espinoza.

E a luz estava naquele mundo de poesia, de literatura, em Camões, em Dante, em Goethe, mas também em *Bouvard et Pecuchet*, revelando com humor o nada que reveste os floreados de esgrima em letras e sons que funcionam como espécies de máscaras de arrogância. Por isso, ele olhava com certa desconfiança os escritores que faziam uso de artifícios literários, ultrapassando a loucura sã da experimentação, imitando e contorsionando para que todos digam eu te amo. Aquilo não era luz, apenas uma casca falsa, apenas mentira. E a mentira é algo que se esconde do seu objecto. Para ele, desde sempre – e essa era a sua natureza primeira – o belo estava na essência, e a essência nada mais era que iluminação, descoberta. Busca de luz que o fazia sonhar com a mãe – destinada aos negócios notariais e desaparecida quando ele ainda era criança – e o pai, que tinha uma compulsiva paixão por caminhar e, principalmente, caminhar sobre linhas férreas. Aquele longo caminhar lembrando Thoreau, como um longo momento de mergulho solitário no mundo da memória, não como acumulação, mas como entendimento. Dois mundos combinados num único. E foi então que conheceu a Maria Odete – musa estelar, galáxia de energia. A compreensão do que foi a busca da sua vida revelou o aparecimento da Maria Odete. Ela era, para ele, a síntese de toda a poesia, de toda a luz. O estar mais próximo da essência da Natureza: como tornar aquela essência em

consciência. E assim surgia a noite, mágico mistério dos tempos órficos, cercado por livros, livros e música e filmes e mais livros até quando o Sol rasgasse o horizonte e invadisse tudo com mais luz. E a seguir, os negócios, a editora. Há, num certo mundo intelectual, a ingénua ideia de que aquele que sonha deve se deter junto das fronteiras do universo dos negócios. Onde há dinheiro há poder, e onde há poder há, inevitavelmente, corrupção. Mas, não era essa a ideia que o António Carlos fazia do mundo. Gente foi feita para brilhar, e não para morrer de fome – já dizia o genial Maiakovski. Apesar de ser um grande escritor, nunca chegou a escrever um único livro. A sua escrita elegante surgia nas cartas, onde tudo era claro e directo. A sua missão estava em publicar, em expandir o pensamento – que é uma forma de poesia. E isso implicava os negócios. Toda a falsidade, toda a tentativa de simular, era um acto de profunda arrogância. Ele era um homem de negócios. E um poeta. E foi um excelente cozinheiro. E amava os bons vinhos, as boas águas, os bons charutos. Os seus dedos e lábios delicados tratavam com arte o desenho do fumo dos cigarros – que sempre o encantaram. Era uma questão de amor à vida, de encontrar beleza em todo o lado, de nunca ter perdido o encantamento, os sonhos, a alegria. Pois tudo é uma grande ilusão. Ilusão que apenas significa algo quando é memória enquanto entendimento, enquanto iluminação.